

## “PARTE DO OUTRO LADO DA MODERNIZAÇÃO...”: ARACAJU E OS HOMENS POBRES NAS PRIMEIRAS DÉCADAS DO SÉCULO XX

### META

Dotar o aluno de informações suficientes para identificar traços que contradizem o discurso modernizador das elites, a partir do reconhecimento do homem comum como protagonista, também, da História de Sergipe.

### OBJETIVOS

Ao final desta aula, o aluno deverá:

entender um dos aspectos contraditórios do discurso modernizador, a partir das condições de vida dos homens pobres, principalmente trabalhadores das fábricas de tecidos;

conhecer parte do cotidiano dos homens pobres em Aracaju nas primeiras décadas do século XX.

### PRÉ-REQUISITOS

Os textos anteriores que apresentam o discurso modernizador das elites aracajuanas.



(Fontes: <http://revolucionaria.files.wordpress.com>).

## INTRODUÇÃO

Desde a sua fundação, em 1855, Aracaju sempre foi uma cidade de homens e mulheres pobres que se deslocaram de várias partes de Sergipe. Aqui eles ergueram suas casas nos morros de areia, nos mangues e lagoas. Entretanto, é no início do século XX que essa migração se intensifica.



Imagem antiga do Bairro Industrial vista do Morro do Urubú.  
(Fontes: <http://1.bp.blogspot.com>).

## HOMENS POBRES CHEGAM A ARACAJU NAS PRIMEIRAS DÉCADAS DO SÉCULO XX



Representação de retirantes. (GOMES E OUTROS,2002:137).

Na medida em que a cidade de Aracaju passava por um processo incipiente de urbanização havia uma constante imigração de homens pobres vindos do campo. Segundo Ibarê da Costa Dantas, muitos indivíduos pobres se deslocaram para Aracaju, buscando melhores condições de vida, sendo a família Os Corumbas, retratada por Amando Fontes, um símbolo extremamente significativo.(DANTAS,1974:42)



Capa do livro “Romance Industrial: aspectos históricos e sociológico da obra de Amando Fontes. (SILVA, 1991).

Como a população pobre não possuía recurso para atender as exigências do ‘código de posturas municipal’, passava a construir seus casebres no lado norte da cidade, além do Camborge, no início da Estrada Nova (hoje Av. João Ribeiro), entre os manques do Olaria.

A estrutura interna de Aracaju caracterizava-se pela existência de dois núcleos separados do centro da cidade. O “bairro industrial” ao norte, núcleo florescente onde se localizavam as duas fábricas de tecido da capital, e a colina de Santo Antônio, a noroeste (RIBEIRO,1934:46)

A valorização da área central e o estabelecimento das dificuldades de acesso desta área aos homens pobres aceleraram a ordenação de uma fisionomia para a cidade de acordo com os interesses dos mais privilegiados. O espaço urbano, neste sentido, começava a potencializar as contradições entre os vários segmentos sociais (SOUSA,1991:9)

O crescimento de Aracaju no sentido do norte para o sul contribuía para surgirem espaços vazios, constituindo-se em áreas que aguardavam valorização. Formaram-se, assim, terrenos baldios em especulação, enquanto faltavam casas para a população pobre. Segundo José Aloísio de Campos uma das principais características da formação urbanística de Aracaju foi o seu exagerado e prejudicial crescimento horizontal, em detrimento dos interesses vitais da população. Para esse autor, grandes espaços vazios, completamente inutilizados foram se formando entre os seus principais bairros, gerando especulação imobiliária. (CAMPOS, 1949)

Os aluguéis das casas recebiam constantes aumentados nos seus valores, forçando a “expulsão” direta dos moradores para outras áreas distantes do núcleo central da cidade. O jornal “Correio de Aracaju”, em 1919 registrou, algumas vezes, a problemática da especulação dos terrenos e dos aluguéis das casas. Demonstrou que os aluguéis em Aracaju eram relativamente os mais caros do país: em Aracaju, está constituindo um problema muito sério a exorbitância dos aluguéis de casas, que são aqui relativamente muito mais altos do que no Rio ou qualquer outra capital dos Estados do Brasil. (Correio de Aracaju, 10 de agosto de 1919).

Essa problemática assumiu proporções maiores na década de 1920 com o aumento populacional em Aracaju. No período, o aumento do número de indivíduos que chegavam a Aracaju era sensível. Segundo dados do IBGE, a imigração, desta década de 20, foi superior em cerca de duas vezes à da década anterior. A população de Aracaju em 1900 era de 21.132 habitantes e em 1920 era de 37.440. Esses indivíduos interioranos, os homens pobres, foram os que resistiram às atrações da “febre” da borracha do Vale Amazônico e do cacau do sul da Bahia. (DANTAS,op. Cit)



Representação da chegada de imigrantes do interior. (RIBEIRO E OUTROS,1988:123).

A vinda de homens pobres para Aracaju e a sua fixação nas áreas mais afastadas do núcleo central, preocupava os idealizadores do discurso modernizador.



Aracaju no ano de 1920. (SEBRÃO SOBRINHO,1946:216).

Governo, higienistas, intelectuais e jornalistas, que faziam parte de um mesmo “grupo” de idealizadores do discurso modernizador, sentiam a necessidade de ampliação no processo de ocupação da cidade, interferindo nas novas áreas ocupadas por indivíduos pobres que chegavam, principalmente, do interior de Sergipe. Desejavam eles enquadrar determinadas áreas de

habitações pobres dentro do modelo de núcleo urbano projetado, ou seja, seguir o modelo já idealizado e que na prática já surtia efeito na região chamada de “quadrado de Pirro”. Esses idealizadores “olhavam” a cidade numa dimensão maior e projetavam imagens de uma certa “harmonia” para toda a cidade.

Para concretização de tal intuito, aperfeiçoaram-se os Códigos de Posturas, criaram-se novas leis e decretos de “integração” das áreas suburbanas. Construíra-se, assim, um projeto de aterros, desapropriações de casas para a formação dos novos traçados de avenidas e ruas dentro dos padrões que processavam no centro da cidade. Essas medidas começaram ser postas em prática na década de 1920.

Foi nesse período que o “Santo Antônio” e o “bairro Industrial” iniciaram mudanças na sua estrutura. O alinhamento das ruas antigas e novas começou a direcionar como deveria ser seu crescimento. A avenida “Simeão Sobral”, hoje localiza no bairro “Santo Antônio”, fora aberta, alinhando as ruas adjacentes, definindo o surgimento de outras. Em 1922, em Mensagem à Assembleia Legislativa do Estado de Sergipe, o governador Pereira Lobo anunciava as primeiras obras feitas no bairro “Industrial” e no “Santo Antônio” como de extrema importância para os que trabalham nas indústrias têxteis. Está iniciado pelo município o adiantamento de suas obras de grande vulto uma das quais ainda se destaca pelos imensos benefícios que trazem à população operária da Indústria têxtil nesta capital. Naquela ocasião ele inaugurava uma ponte de cimento armado, o aterro de ruas ligando o bairro industrial a Aracaju, um dos subúrbios considerado mais próspero senão o mais importante da cidade, segundo esse governador, e o desbastamento do morro do Santo Antônio que permitiria acesso fácil aos veículos e atrairia a construção de habitações naquela localidade. (LOBO, 1922:66)

No penúltimo ano da década de 1920, inúmeras desapropriações de casas populares também se processaram no Aribé (hoje Siqueira Campos) em decorrência do prolongamento da viação, à continuação da linha de bondes da empresa elétrica de Aracaju. Ruas como Vila Nova (hoje Neópolis) e avenida Goiás, sofreram profundas mudanças no seu traçado. O Aribé, desde 1923, tornara-se uma das regiões mais procuradas pelos indivíduos pobres. Possuindo sítios e áreas pantanosas, esta região acolheu famílias de emigrantes do interior do Estado, já que pela falta de espaços mais acessíveis no “Santo Antônio” ou “Industrial” se aventuraram a ocupar essas áreas totalmente não saneadas e difíceis para moradia. Segundo Fernando Porto, o Aribé começou frouxamente em 1923. Relembrando sua infância, diz ter passado por lá em 1824 quando ainda era considerado zona rural: “Estudando no Tobias Barreto, fizemos um passeio a essa região e nos perdemos... por que era mato puro, com aquela porção de estradinhas por um lado e para outro”. Ainda segundo esse autor, o Aribé era “um lugar para onde se encaminhavam aquelas levas que começavam a deixar



o interior”. Essa situação dessa localidade como zona rural “iria melhorar com a instalação do bonde elétrico”, concluiu este autor (PORTO,1990)



Representação de casas de homens pobres. (ARAÚJO, 1964:256).

Valéria Mendonça também se refere a limites de Aracaju, mencionando lugares esmos. Diz a autora que a partir de 1928 é que se veio ter notícias do surgimento de alguns casebres na área onde hoje se localiza a bifurcação das ruas de Riachão e Avenida Sete de Setembro, antiga Rua do Bonfim, conhecida pelo nome de “Curral”, região de prostitutas. (MENDONÇA, 1998: 11)

Prosseguindo nessa análise, cita o depoimento do senhor Maximiliano Geraldo de Oliveira, morador das redondezas do “curral” que declara ter ouvido dizer que, desde os tempos da visita do Imperador a Aracaju (pouco tempo depois da transferência da capital de São Cristóvão para Aracaju, no ano de 1855), morava no Aribé uma senhora popularmente conhecida pelo nome de “Maria das Vacas”. (MENDONÇA, IDEM)

Essa indicação reforça a ideia de que o Aribé teve ocupação humana muito antes do início da década de 1920. Quem a defende é Bárbara Sheila Gonçalves e Freitas citando alguns documentos perscrutados no arquivo judiciário. Um documento é o processo crime datado de 22 de novembro de 1915, em que uma das testemunhas arroladas, José Cyrino, declara possuir uma venda na rua do Aribé. Outro, datado de 1917, refere-se ao arrombamento de um casa situado no mesmo bairro. (FREITAS, 2003: 269).

Freitas igualmente acrescenta a informação sobre a baixa condição financeira dessa população do Aribé. Diz a autora que algumas pessoas pediam à Justiça o atestado de pobreza quando se envolviam em alguma questão judicial. (FREITAS, 2003: 270).

A informação de que há moradores antes da década de 1920 nessa região e de que eles eram bastantes pobres colaboram com a nossa análise de que o Aribé era uma região de gente pobre, moradora de uma área não integrada à cidade, ao quadrado de Pirro.

Área suburbana que atraía muitos pobres, o Aribé passou a merecer cuidado por parte dos governante e dos donos de empresa. Novas ruas deveriam ser abertas e as existentes deveriam ligar o lugar ao quadrado de Pirro (Perímetro urbano da cidade de Aracaju).

A “integração” dessas áreas suburbanas desejava, sobretudo, a submissão em grau maior do homem pobre. A definição objetiva do lugar de residência do pobre possibilitava controle sobre ele. Era um fenômeno que tinha sua razão de ser na fase de transição do país pós-abolição da escravidão. E um período de consolidação do trabalho livre onde as cidades passaram a sofrer mudanças nas suas estruturas atraindo uma mão de obra livre, despossuída de bens.

Em muitas cidades do Nordeste brasileiro, na cidade da Parayba, hoje João Pessoa, por exemplo, a mão de obra utilizada nas fábricas e outros setores de serviços era especificamente do interior do Estado, homens pobres, expulsos do campo. (KOURY,1986,137)

Em Sergipe, isto igualmente acontecia. Homens pobres migraram para Aracaju, influenciados pelas mudanças que se processavam e, respectivamente, por questões emergenciais que sofriam o campo. Passos Subrinho comenta esse processo:

Punidos pela pressão demográfica sobre a economia de subsistência, pela valorização das terras do agreste-sertão e pela pecuarização de parte de antigos engenhos, a população rural do Estado ia sendo paulatinamente expropriada e expulsa dos seus locais de nascimento, principalmente quando esses fatores se juntaram à seca. Parte dessa população filtrava para fora do Estado, mas parte ficava formando assim, o mercado social de trabalho, dando início as transformações capitalistas na economia. (PASSOS SUBRINHO, 1987)

Aracaju assumia, pelos anos 1920, a posição de maior centro industrial de Sergipe. Possuía duas fábricas de tecidos, inclusive que eram as maiores dentre as 8 existentes no Estado. Foram estas fábricas têxteis a opção possível de emprego e sobrevivência de uma população pobre que chegava a Aracaju. Dantas, sobre essa posição de destaque de Aracaju, escreve:

Aracaju além de ser o centro administrativo(...) era também o maior centro industrial e comercial de Sergipe. Realmente pode-se observar que o aumento do número de indústrias constatado no Estado no período de 1907 e 1920, quando de 41 estabelecimentos passava a possuir 237, operou-se principalmente na capital. É verdade que não podemos esperar muito valor ou importância dessas indústrias. Embora signifiquem uma forma superior de domínio da natureza, em sua maioria eram pequenos estabelecimentos para transformação elementares.. Entretanto, há sem dúvida exceções a ressaltar, sobretudo as têxteis.(...) Desde aproximadamente 1910 que as



exportações de tecidos representavam a segunda grande contribuição aos cofres públicos.(...) os tecidos continuaram se valorizando ao ponto de em 1921 contribuírem em impostos para o tesouro com um quantitativo quase equiparado ao do açúcar. E nenhum outro produto de exportação sofreu tão elevada majoração de preço. Entre 1914 a 1924 houve um aumento superior a 700, mesmo sem considerar a alta singular de 1919 que superou todos os records. (DANTAS, Op). Cit

É, sobretudo, diante dessa importância significativa das indústrias têxteis que os donos das fábricas procuraram interferir no processo de idealização da “nova” fase que acreditavam começar a existir em Aracaju. Essa participação pode ser constatada nos relatórios das fábricas. A “Sergipe Industrial”, por exemplo, procurou construir vila operária perto da fábrica, contribuiu com a instalação do hospital Cirurgia, para a construção de uma escola pública e com abertura de novas ruas no bairro “Industrial”. Entre estas contribuições destacou-se a instalação de um parque de diversões em suas dependências. (SOUSA,1991,13)

Os donos das fábricas procuraram formar um “espaço de trabalho” onde a fábrica, a casa do gerente, a moradia do operário, a escola, o armazém e o parque, compreendessem uma “estrutura fechada” em si mesma, onde o trabalhador deveria ser submetido às exigências do capital. A construção do parque de lazer tornava-se o exemplo mais significativo da tentativa de imprimir um estreito elo entre a fábrica e a residência do operário. O parque fazia parte dessa estrutura onde tudo girava em torno da fábrica na obtenção de um maior controle sobre o trabalhador para que ocorresse uma maior produtividade. (SOUSA,Op. Cit.14)

Em torno da “integração” havia a justificativa da necessidade do desenvolvimento, da diminuição da “miséria”, fome e degradação. Estabelecer o domínio sobre os espaços dos trabalhadores, criando um espaço de produtividade, significava trazer benefícios a todos: ao desempregado, aos cofres públicos e à sociedade. (SOUSA, idem)

A “integração”, por sua vez, não modificou em nada as condições de vida dos trabalhadores. Os operários têxteis, por exemplo, enfrentavam inúmeras dificuldades de moradia, salários, saúde e alimentação que contradiziam a ideia de prosperidade e a melhoria de vida que a fábrica prometia a quem nela trabalhasse. Como os outros trabalhadores (ferroviários, homens de docas, carroceiros, pedreiros, carpinas, sapateiros etc.), os operários têxteis presenciavam constantemente no seu cotidiano a rejeição e negação dos benefícios executados na cidade, nas fábricas.

A visualização de que os problemas dos operários têxteis eram praticamente os mesmos do restante dos trabalhadores, os homens pobres, ampliam os limites possíveis de compreensão sobre o operário têxtil.

A maioria dos trabalhadores se alimentava mal. O reforço alimentar era encontrado nos mangues e em pequenas plantações em terrenos abandonados

e nos fundos de quintais. Havia, também, o artesanato caseiro, os doces que, vendidos nas portas das fábricas, na feira ou nas ruas, serviam para comprar o pão ou produtos alimentares. Os vendedores desses produtos eram geralmente pessoas da família dos operários que ainda não trabalhavam, sobretudo crianças, na tentativa de ajudar no orçamento da família.

Os problemas de saúde eram constantes. Os altos índices de mortalidade infantil eram o registro mais claro da precariedade da saúde existente entre os indivíduos pobres. O número de óbitos infantis era tão elevado que o Governador Pereira Lobo comentou em Mensagem à Assembléia Legislativa do Estado de Sergipe:

Uma das notas mais fortes do obtuário nesta capital e em todo o Estado é a mortalidade infantil, mormente das crianças cujos pais pela sua condição de pobreza são obrigados a morar nas zonas afastadas do centro da cidade. Há ainda, e para avolumar esta estatística lamentável, os óbitos que fogem ao registro, pois ainda ha habito muito seguido o enterrar-se crianças em lugares que não os cemitérios. (LOBO, 1920:61)

A rede de esgotos existente até o final da década de 1920, mal abrangia a parte do perímetro urbano da cidade. A falta de prolongamento dessa rede de esgotos contribuía para que, em épocas de chuvas, a cidade ficasse contaminada por focos de doenças as mais diversas. Era justamente nas casas dos pobres que as doenças tornavam-se mais corriqueiras.

O tratamento dessa problemática era mais assistencialista. Foram fundadas associações beneficentes, e campanhas etc. Esse caráter assistencialista continuou ao longo da década de 1920, embora tenha diminuído à medida que critérios científicos e técnicos foram invocados.

Na medida em que esse conhecimento mais objetivo substituía o tratamento assistencialista, foi sendo retirada, progressivamente, do trabalhador a autodeterminação do seu modo de vida. O homem pobre passou a receber “visitas” constantes em suas residências dos técnicos que lhe imprimiam informações em torno da higienização da casa e do corpo. Era preciso, nesse sentido, criar novos hábitos e determinados cuidados relativos à alimentação. Os critérios científicos, ou técnicos, não escondiam a explicação da falta da educação, desleixo e promiscuidade como fatores importantes para a problemática de saúde.

A problemática em torno da alimentação, saúde e moradia dos homens pobres, agravou-se com o aumento populacional ocorrido nessas décadas de 10 e 20. Intensificou-se a concorrência no interior de um mercado de trabalho que não era muito expressivo. Havia, sem sombra de dúvida, um contingente significativo de “desocupados”, refletindo no barateamento da mão de obra. Os operários têxteis sentiam bem de perto essa situação. Eles constituíam uma mão de obra das mais baratas do país. Segundo dados

do censo de 1920, os operários têxteis de São Paulo recebiam em torno de 5\$729, do Distrito Federal 6\$720 e em Sergipe apenas 3\$306.

Se desse salário o operário sergipano em Aracaju pagasse aluguel, tivesse gastos com remédios e sofresse os descontos comuns resultantes da aplicação de multas por atraso ou erros na produção, o que recebesse não daria para mais nada. Estava sempre sujeitos a sacrificar prioridades em prol da sobrevivência, como a alimentação.

Finalmente, um outro problema que os operários enfrentavam era o trajeto de suas casas para as fábricas. Os que moravam longe das fábricas enfrentavam diariamente áreas não saneadas, de difícil acesso, para chegarem ao trabalho. Para que não chegassem atrasados por causa das multas, ou para que não perdessem o “quarto” (turno da fábrica) viam-se na contingência de sair de casa alta madrugada, levando consigo o seu almoço. Muitas vezes esse trajeto era feito enfrentando grandes temporais. Em “Os Corumbas” Amando Fontes faz-nos compreender a luta dos operários para chegar ao local de trabalho:

Madrugada... Tudo escuro ainda. Bandos e bandos de raparigas, falando alto, desciam a Estrada Nova. De recantos e vielas que ali desembocavam, de momento a momento surgiam vultos apressados. Todo o bairro de Santo Antônio parecia levantado a correr para o trabalho. Dos arrebaldes davam grandes levas. Do Anipum, do Aribé, do Saco, de mais longe vinham operárias. (...) Algumas, embrulhavam-se nos xales; aquelas cobriam-se com o avental esburacado. Outras se apadrinhavam sob um velho guarda-chuva. As que não dispunham do mais leve agasalho, vinham molhadas, e tremiam, com frio. (FONTES, 1967)



Mulher entrevistada pelo autor deste livro.

Diante desse quadro de penúria dos operários têxteis e demais indivíduos pobres, pode-se concluir que: toda a modernização por que passava, especificamente, Aracaju, exibía uma face contraditória. Se os melhoramentos materiais e demais benefícios realizados atingiam positivamente a uma faixa da população, a outra - a mais numerosa - ficava à margem dos benefícios e era submetida a controles que colocavam suas vidas a serviço do capital.

Iremos apreciar melhor essa situação no último texto deste livro.

### CONCLUSÃO

A leitura de *Os Corumbas* de Amando Fontes é uma excelente dica para se aventurar no entendimento do cotidiano dos homens e mulheres pobres em Aracaju nas décadas de 1920 a 1930. Muitos chegaram de “mala e cuia” na capital sergipana e invadiram terrenos em morros de areia ou manguezal. O viajante estrangeiro Robert Avé-Lallemant em *Viagens pelas províncias da Bahia, Pernambuco, Alagoas e Sergipe*, identificou famílias pobres em morros na capital sergipana. Ele enxergou diversas pessoas pobres que construíram casebres que destoava de outras partes de Aracaju que se enveredava no caminho que ele identificava como de “civilização”. Essa gente, vista por Robert, adentrou nas áreas ainda não ocupadas pelo projeto modernizador das elites e nessas localidades enfrentaram os mais diversos problemas de condições de vida. A presente lição suscita indagarmos se isto não se repetiu em Aracaju até os dias atuais onde há constantes vindas de famílias pobres para áreas distantes da considerada grande Aracaju. Idem para as outras cidades sergipanas onde ocorre uma ocupação desordenada dos espaços urbanos.

### RESUMO

Os homens pobres ocuparam as margens do quadrado de Pirro. Suas condições de vida em Aracaju eram precárias, apontando outro lado da modernização defendida pela elite aracajuana.

Muitos desses pobres trabalhavam nas fábricas de tecidos. As condições de moradias, salário e alimentação deixavam muito desejar. Esses trabalhadores se constituíam uma mão de obra explorada na fábrica.

### ATIVIDADES

- 1- Continue produzindo seu blog. Aponte a imigração dos homens pobres para Aracaju nas primeiras décadas do século XX.
- 2- Pesquise sobre na sua cidade (sede do seu município) informações sobre onde moravam os segmentos mais privilegiados e, principalmente, os mais pobres no século XX. Faça uma entrevista (e transcreva a mesma) tentando entender como se deu a ocupação do espaço de sua cidade por pessoas mais pobres (procure os mais velhos da região ou documento oficiais da prefeitura.)



## REFERÊNCIAS

- ARAÚJO, Alceu Maynard. **Folclore Nacional. Ritos, Sabença, Linguagens, Artes e técnicas**. São Paulo: Melhoramentos, 1964.
- BARBOSA, Josefa Naide. Em Busca de Imagens Perdidas. Aracaju: Fundação Cultural Cidade de Aracaju, 1992.
- CAMPOS, José Aloísio. As contribuições de melhorias urbanísticas em Aracaju, Revista do Aracaju, ano III, 1949, no. 03.
- Correio de Aracaju, Aracaju, 25 de setembro de 1920, no. 2.292.
- Correio de Aracaju, Aracaju, 10 de agosto de 1919.
- DANTAS, José Ibarê da Costa. **O Tenentismo em Sergipe**. Petrópolis: Vozes, 1974.
- FONTES, Amando. **Os Corumbas**. José Olímpio, 6ª edição, Rio de Janeiro, 1967.
- FREITAS, Bárbara Sheila Gonçalves e. A Ocupação Periférica no Quadrado de Pirro: Aribé (1901-1931), **Revista de Aracaju**, V.1, n1. Aracaju, FUNCAJU, 2003, p. 261-275.
- Gazeta de Sergipe, Aracaju, 14 e 15 de fevereiro de 1982 p. 03.
- GOMES, Angela de Castro; PANDOLFI, Dulce Chaves e ALBERTI, Verena. **A República no Brasil**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira; CPDOC, 2002.
- KOURY, Mauro Guilherme Pinheiro. Trabalho e Disciplina: Os homens pobres na cidade do Nordeste (1889-1920). In: **Relações de Trabalho e Poder: Mudanças e Permanências**, Fortaleza: ANPOCS, 1986, p. 134-139.
- LOBO, José Joaquim Pereira, Mensagem à Assembléia legislativa do Estado de Sergipe, 07 de setembro de 1922.
- . Mensagem à Assembléia Legislativa do Estado de Sergipe 1920.
- MENDONÇA, Valéria. DE “Curral” a portão da cidade. **Jornal da Cidade**, Aracaju, Caderno B, p.11, 31.03.1998.
- NOGUEIRA, Adriana Dantas. **Patrimônio Arquitetônico e história urbana**. São Cristóvão: ed. UFS/Aracaju: Fundação Oviedo Teixeira, 2006.
- PORTO, Fernando. Ensaio de Evolução. **Revista do Aracaju**, Aracaju, 1949, no.03.
- \_\_\_\_\_. Entrevista concedida a Antônio Lindvaldo Sousa em 29 de janeiro de 1990.
- \_\_\_\_\_. A Cidade do Aracaju- 1855-1865: ensaio de evolução urbana. 2ª ed. Aracaju: Governo de Sergipe, FUNDESC, 1991.
- \_\_\_\_\_. **Alguns Nomes Antigos do Aracaju**. Aracaju: J. Andrade, 2003.
- O Estado de Sergipe, Aracaju, 17 de março de 1918, ano VII, no. 35.
- OLIVA, Terezinha A. Aracaju na História de Sergipe. **Revista de Aracaju**, n0.09, p.3-125, 2002.
- PASSOS SUBRINHO, Josué Modestos dos. História Econômica de Sergipe, (1850-1930) Aracaju, UFS, Programa Editorial da UFS, 1987.

- RIBEIRO, Neuza Maria Gois. **Transformações do Espaço Urbano. O caso de Aracaju**. Recife: Editora Massagama, 1985.
- RIBEIRO, Vinício Marcus; ALENCAR, Chico e CECCON, Claudius. **Brasil Vivo**. Petrópolis: Vozes, 1988, volume 2.
- ROMÃO, Frederico L. **Na trama da História. O movimento Operário de Sergipe: 1871 a 1935**. Aracaju : J. Andrade, 2000.
- SEBRÃO SOBRINHO. **Laudas da História de Aracaju**. Aracaju: Prefeitura Municipal de Aracaju, 1946
- SILVA. Maria Ivonte Santos. **Romance Industrial: aspectos históricos e sociológicos da obra de Amando Fontes**. Brasília: Fundação da Universidade de Brasília; Aracaju: Governo do Estado de Sergipe/FUNDESC, 1991.
- SOUSA, Antônio Lindvaldo. **Disciplina e Resistência – cotidiano dos operários textéis em Aracaju (1910-1930)**. Trabalho apresentado à Disciplina Pesquisa Histórica II, Curso de Bacharelado em História, sob orientação da professora Terezinha Oliva de Souza. São Cristovão,UFS, 1991.
- \_\_\_\_\_. In: **Em Nome do Progresso e da Liberdade: ordem e rebelião no emergente processo urbano-industrial de Aracaju (1910-1930)**. Aracaju, 1993, Trabalho de conclusão do curso de Latu Sensu em Ciências Sociais, sob orientação da professora Beatriz G. Dantas , São Cristovão, UFS, 1993.
- \_\_\_\_\_. A cidade de Aracaju e os homens pobres (década de 1910-1930) **Revista de Aracaju**, Aracaju: Prefeitura de Aracaju, ano LXI, 2005, no.11,p.287-302.